

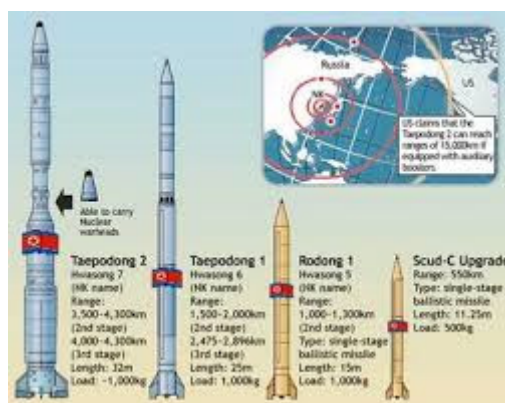
2019/03/06

De novo a Coreia do Norte (parte II)

Alexandre Reis Rodrigues

A probabilidade de a Coreia do Norte desistir do seu arsenal nuclear (presentemente estimado entre 20 e 60 ogivas) não será melhor do que a do México pagar o famoso muro que Trump quer concluir ao longo da fronteira para, alegadamente, parar a entrada de emigrantes ilegais. São ambas praticamente nulas.

Quem o diz é o almirante James Stavridis (ex-SACEUR), num recente artigo a propósito do encontro entre Trump e Kim Jong-un em Hanói. Mas é, também a opinião da generalidade dos observadores.



Por estas mesmas razões é que se dizia, no último texto publicado neste *site*,¹ que não fazia sentido a realização desse encontro. A menos que, entretanto, as partes tivessem chegado a algum entendimento - ainda desconhecido da opinião pública - que os dois líderes se limitariam a formalizar. O facto de o Presidente Trump ter recebido na Casa Branca, algum tempo antes, o negociador principal da Coreia do Norte dava algum crédito a essa possibilidade, mas, afinal, nada havia de concreto que justificasse esta segunda cimeira. Não só no campo do desarmamento nuclear como no respeitante a alguns assuntos associados que se admitia poderem avançar. Por exemplo, a declaração formal do fim da Guerra da Coreia e a abertura de gabinetes de ligação nas duas capitais.

Foi um encontro que acabou em nada. Aliás foi interrompido e nem sequer teve um comunicado final, muito menos o tradicional aperto de mãos entre os dois líderes. O que consta sobre os diferendos que impediram qualquer progresso é agora matéria de disputa entre as partes. A Coreia do Norte acusa os EUA de terem apresentado novas exigências para o levantamento das sanções. O Presidente Trump, noutra postura, prefere destacar o que vê como positivo, aspeto em que é muito difícil, melhor dizendo quase impossível, acompanhá-lo.

Trump tenta seguir uma estratégia diferente da dos seus antecessores sob a ideia de que estes falharam por não se terem envolvido pessoalmente nas conversações («*to avoid the pitfalls of decades of ultimately unsuccessful lower-level negotiations*»²). No entanto, o que conseguiu até agora não foi mais do que espetáculos mediáticos que têm atraído as atenções mundiais, mas sem qualquer contrapartida de progresso na procura de um entendimento comum sobre o processo da desnuclearização.

Dirão alguns que, com a sua disponibilidade para conversações, o Presidente americano conseguiu um notável progresso no desanuviamento da tensão existente

¹ "De novo a Coreia do Norte", Jornal Defesa e Relações Internacionais, 20 fevereiro 2019.

² Segundo elementos da administração americana.

no primeiro ano de mandato e tornou mais improvável, pelo menos curto prazo, a hipótese de um conflito. Este ponto de vista, porém, não tem em conta que o clima então existente, embora extremamente belicoso na retórica empregue pelas duas partes, nunca chegou a ser sinal credível de confronto próximo. Quer pelo lado dos EUA – que não consideram a hipótese de guerra com a Coreia do Norte como uma opção razoável –, quer pelo lado coreano que, malgrado as provocações em que se envolveu, sempre esteve e, continuará a estar, condicionado pela necessidade de evitar um ataque americano que destruiria o regime.

Trump, para já, admite um revés, mas apenas sob uma perspetiva de curto prazo. Para o médio e longo prazos, continua a insistir em que as suas qualidades de negociador, a aproximação pessoal com o líder coreano e as promessas de ajuda para que a Coreia do Norte se torne num dos países mais prósperos do mundo levarão, a seu tempo, ao abandono do arsenal nuclear.

"Chairman Kim realizes, perhaps better than anyone else, that without nuclear weapons, his country could fast become one of the great economic powers anywhere in the World." (Trump)

Não há muitos a acreditar nesse desfecho e muito menos na estratégia de Trump que continua a ver a política sob uma visão empresarial de ganhos e perdas financeiras. Para Steven Metz as expectativas da administração americana esbarrarão com a recusa coreana de aceitar ajuda para um crescimento económico que iria criar uma nova elite e uma classe média que se tornariam menos dependentes da sua liderança. Para Kim Jong-un a prioridade é manter os seus apoiantes na dependência do regime. Não é a prosperidade económica da população, o que, a prazo, lhe retiraria a possibilidade de manter a ditadura em que assenta o seu poder. Resumindo, a Coreia do Norte não vai seguir o percurso da China, abrindo-se ao mundo através de reformas económicas. Kim Jong-un não pretende mais do que o levantamento de sanções que estão a impedir a concretização das suas metas. Apenas isso.

A estratégia americana é errada também – porque mostra desconhecimento da natureza do regime – ao esperar que Kim Jong-un esqueça ou desvalorize o que se passou com alguns países com situações comparáveis. Por exemplo, o Iraque que ao fazer "bluff" com a posse de um arsenal nuclear foi dar argumentos para a intervenção americana. Kim usa o seu arsenal nuclear por forma a não dar azo – apenas deter – uma intervenção. A Líbia que, malgrado a desistência de ser potência nuclear, nunca conseguiu o esperado apoio para manter o regime. Também o Irão que, não obstante o acordo nuclear, continua com o seu regime sob a mira das sanções americanas.

Ainda mais incompreensível é a postura do Presidente americano no relacionamento com o ditador coreano, continuando a insistir nas qualidades de Kim Jong-un e na excelente "ligação" que estabeleceu com ele. Trump, imaginando que uma boa relação será algo a que o líder coreano será sensível e que fará toda a diferença no desenrolar das negociações, evita tudo o que possa perturbar um ambiente cordial. É um favor que acaba por fazer ao líder coreano, mas não é de esperar que este se deixe envolver porque sabe que, mais tarde ou mais cedo, esses temas virão para cima da mesa.

Não é provável que a população americana aceite condescendências no campo dos direitos humanos ou que o Congresso venha a autorizar o levantamento das sanções mantendo-se o mesmo quadro. Embora denunciando os graves atropelos, Trump tenta retirar a Kim Jong-un qualquer responsabilidade pessoal. Nomeadamente, nas

acusações de maus tratos que um cidadão americano³ sofreu, enquanto prisioneiro na Coreia do Norte. Coloca as culpas no regime – como se Kim Jong-un lhe fosse alheio – e na dureza das prisões coreanas. Com esta atitude, Trump está a dar a impressão de apostar mais em ter um clima de paz com a Coreia do Norte do que em conseguir a desnuclearização, risco que muitos já receiam.

Na mesma linha, Trump também tenta ignorar que a ameaça coreana em termos de armas de destruição maciça não se resume às nucleares. Inclui também armas químicas e biológicas em dimensões avassaladoras. Não considerar esta realidade e negociar a questão nuclear deixando de lado as outras é em tudo semelhante com o que Obama fez, ao acordar com o Irão a suspensão do programa nuclear, sem abordar as capacidades em mísseis balísticos e a postura regional do regime, pontos que Trump critica frontalmente.

Que esperar então da continuação das conversações, já anunciadas pelos EUA? Não obstante Kim Jong-un - respondendo a um jornalista - ter garantido que não teria ido a Hanói se não estivesse pronto para passos concretos nesse processo, as diferenças de visão sobre como o assunto deve ser desenvolvido tornam remota, senão impossível, qualquer hipótese de entendimento. Nestas condições, na melhor hipótese, os EUA, realisticamente, não poderão ambicionar mais do que esperar que a continuação da pressão das sanções venha, com mais tempo, a produzir uma alteração da postura do regime coreano. Nada, no entanto, que possa acontecer no curto prazo.

³ *Otto Warmbier, the American student who died shortly after being returned to the United States from North Korean captivity in 2017.*